

# Arte xávega, a pesca «cega» que só o «amor» não chega para resistir à arte

**Tradição** A trabalhar há mais de 20 anos na arte xávega, Fernando Fonseca e a família são testemunhos de que só o «amor» não suporta as dificuldades impostas. Na Praia de Cortegaça, o pescado não é o mesmo



O sol ainda não espregueia, quando a companha "Buçaquinho" se faz ao mar na Praia de Cortegaça. Do pai aos filhos, os últimos representantes da arte tradicional, a viagem é feita em torno do mesmo objetivo, o sustento da casa. Assim se fazia também há mais de 40 anos,

quando da geração mais velha de Fernando Fonseca, o seu pai, que depois acabaria por abdicar da arte. Por mares já navegados, a embarcação da pesca ancestral alberga muitas histórias, onde o medo e a coragem recomeçam todos os dias.

## A ida ao mar e as intempéries ultrapassadas

Entre o mar e a areia, no meio de adversidades, o futuro é colocado, muitas vezes, em causa, mas o amor tem segurado todas as instabilidades. Ao lado do pai, Fernando Fonseca aprendeu tudo o que tinha a sa-

ber sobre a pesca, mas, aos 44 anos, ao comando da companha, não se recorda da sua primeira ida ao mar.

A arte xávega e a pesca artesanal (ver caixa) são duas das suas grandes «paixões», que implicam diferentes formas de pescar sobre as águas geladas



**Não tenho medo de ir ao mar, mas recordo que após ter começado a exercer esta arte apanhei um susto grande e tive de ajudar a salvar uma companha, confessou o mestre**

do mar do Norte, que tanto sustento já proporcionaram. Em 2010, após assumir a arte como profissão, o mestre cortegaçense manteve o espírito de levar a bom porto a arte do seu pai, sobre sacrifícios e noites perdidas, e onde muitas madrugadas se fizeram na praia. Entre as 5 e as 5.30 horas, o barco entra no mar, diante um equipamento composto de um cabo de flutuantes, designado cordiame, que atinge entre as cerca de 1200 a 3.000 milhas de distância da costa. Esta última é possível devido à junção de dois cordiames, «conforme as condições do mar», explicou o pescador, salientando que, «se a maré estiver favorável, usamos menos cordiame, caso contrário, usamos mais».

De acordo com Fernando Fonseca, «os cordiames servem para prender a embarcação ao trator, possibilitando a sua entrada no mar»; após esse processo é efetuado o cerco aos cardumes de peixe, «onde é desenrolada a outra metade do cabo para a sua extremidade ser enrolada no segundo trator», continuou o mestre. A tração mecânica deve funcionar em conformidade, de forma a evitar erros. Daí existirem «uns nós nos cordiames, para que os trabalhadores em terra possam puxá-los ao mesmo tempo», acrescenta Pátima Fonseca.

Sem sondas, nem aparelhos, a intuição é a grande aliada de quem tenta preservar a tradição, ultrapassando mudanças climáticas, correntes e a geografia submarina da faixa costeira. A escolha onde levar a embarcação é feita diante os pon-

tos carduais, por vezes certos, outras nem por isso. Segundo Fernando Fonseca, «a maré alta é a melhor para se pescar», porém «a costa portuguesa está muito seca», o que é um entrave à profissão. Outrora, a família Fonseca «largava a rede a 12 metros de altura», neste momento, larga «a cerca de oito», disse o mestre.

Entre más mares, muitas são as vidas reclamadas, mas a fé guia quem nela acredita. Sem medos, nem pavores, Fernando Fonseca admite que, «no início da carreira, arriscava muito», agora não o faz porque leva os filhos com ele e, por isso, está mais «condicionado». Apesar do medo manifestar-se de formas diferentes, o amor que sente pela arte é mais forte, no entanto, «já não é o suficiente para continuar a achar que quero trabalhar nisto», confessou.

Sem acidentes registados, o mestre cortegaçense relembra um dos sustos que enfrentou, ao salvar uma companha na Praia do Furadouro, onde «morreram duas pessoas».

## O trabalho em terra e o volume de vendas

Na arte xávega, sete é o número máximo de pescadores que podem estar no interior do barco. Fernando Fonseca fica responsável por levar a embarcação para o mar e orientá-la, ao passo que um colega do filho assume a obrigação de largar a rede. Os dois filhos, de 20 e 26 anos, respetivamente, ficam encarregues de estarem atentos ao cordiame e de se posicionarem na proa.

O trabalho em terra fica nas

mãos de Maria Fonseca, a maquinista de sul, vendedora, transportadora e escriba. Ao assumir-se com «medo» do mar, a esposa do mestre revela apanhar sustos todos os dias, por «respeitar quem está dentro da embarcação».

De modo a combater a sazonalidade da arte xávega e a instabilidade da pesca artesanal, a família Fonseca desempenha a pesca apeeda. Atribuída de outubro a abril, a fim de garantir sustento, sobretudo financeiro, a técnica consiste em capturar crustáceos, moluscos ou iscos vivos à beira-mar. É designada a arte da ameijoira, onde são utilizadas as redes de tresmalho.

À frente das vendas há cerca de dez anos, Maria Fonseca garante que a arte piscatória, nomeadamente a xávega, é «cega». Sem conseguir observar qual o pescado capturado, a cortegaense conta que «existem dias em que não se apanha nada»; pelo contrário, alcançar «um lance de 20 a 30 cabazes é uma festa». Tendo em conta que só se exerce a pesca ancestral no verão, a cortegaense assume que «nada impede que a DGRM - Direção Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos exija um valor de faturação para conseguir tirar a licença do próximo ano». Assim sendo, «de agosto a agosto temos de conseguir atingir entre 18 a 20 mil euros de receita», comunicou, sendo que, na arte xávega, conseguem pescar «carapau, sardinha, cavala e algum robalo». Este último é também capturado através da pesca artesanal, bem como «o linguado, dourada e sarda», continuou Fernando Fonseca. De todos os tipos de peixes, «o biqueirão da arte xávega é o menos vendável», rematou a esposa.

Na presença de um tapete rolanete, faz-se a recolha do pescado, facilitando o processo de seleção. A sardinha, por exem-



plo, «não tem valor comercial a não ser na época dos Santos Populares, nomeadamente o São João», lamentou a vendedora. Quando se trata de elevadas quantidades de cabazes, Maria e Fernando Fonseca dirigem-se à Lota de Matosinhos para vender, caso contrário, fazem-no para o comércio local, sobretudo na Praia do Furadouro, onde realizam a pesca artesanal.

**A falta de subsídios**

Em criança, Maria Fonseca, à semelhança do seu marido, esteve sempre ligada à arte piscatória, onde as memórias a transportam para momentos felizes. Ao viajar no tempo, recorda-se de nadar no meio do carapau, diante uma praia sublime e azulada, onde o sustento era avultado e o sustento era avultado e a paixão colossal. Depois de anos passados em frente ao mar, a cortega-

ense lamenta as condições atuais da costa portuguesa. «Atualmente, para conseguirmos pescar um bocado de carapau temos de ir a uma longa distância e às vezes nem isso», explicou.

Ao Diário de Aveiro, o mestre confessou que, até ao início deste mês, foram oito as idas ao mar, onde nesse último dia conseguiu pescar oito caixas de carapau. Perante este cenário, Fernando Fonseca afirma ser «um ano mau», sobretudo na época de inverno, onde «foram poucas as saídas».

Na perspetiva da esposa, «a planta hidrográfica está a mudar», o que prejudica a quantidade de pescado capturado. É a redução de areia nas praias, relacionada

com as «obras feitas no Porto de Leixões», também contribui para essa realidade. «As pessoas não têm noção das consequências que podem causar», reforça.

A fazer frente aos vários desafios impostos pela erosão costeira, está a ausência de subsídios no apoio à arte tradicional. Todavia, há cerca de três anos, a Câmara Municipal de Ovar lançou um projeto que integra a arte xávega na categoria de artes e ofícios, possibilitando suportes de manutenção em 50 por cento.

«Os profissionais terão de apresentar fatura e recibo até um teto máximo de cinco mil euros», evidenciou Fernando Fonseca, acrescentando que, «se não fizermos manutenções, não temos esse apoio para outras coisas. O que podemos usufruir é de 25 por cento para investimento futuro mas, por muito que queira, não posso fazer porque não sei se vou aguentar muito tempo».

É que, segundo dá a entender, a vontade de preservar a arte piscatória já teve melhores dias, pois «sem subsídios não conseguimos resistir», garantiu o mestre. ◀

**Arte xávega**

É uma pesca artesanal feita com rede de cerco e composta por cabos flutuantes que permitem estabelecer a ligação entre o trator e a rede. Esta é colocada no mar e só depois arrastada para terra pela força da tração mecânica. Antigamente, a rede era puxada com a ajuda de juntas de bois e força braçal.

**Pesca artesanal**

É caracterizada pela pouca mão de obra, com embarcações pequenas, entre as quais botes, canoas ou jangadas. As redes denominam-se por tresmalhos e são colocadas no mar, onde ficam um grande período de tempo. ◀

